

ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA) NA COOPERCINCO

ANALYSIS OF THE RESULTS OF THE FOOD ACQUISITION PROGRAM (PAA) IN THE COOPERATIVE

Ediane Rodrigues Leandro

Email: ediane_rl@hotmail.com

Especialista MBA em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR.

Emerson Clayton Arantes

Email: emersonclaytonarantes@gmail.com

Professor do Curso MBA em Gestão de Cooperativas, Prof do Dep. de Administração da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR.

Jaqueline Silva da Rosa

Email: ja.q.s@hotmail.com

Mestre em Administração (UNISINOS) – Professor do Curso MBA em Gestão de Cooperativas, Coordenadora de Curso e Prof^ª do Dep. de Administração da UFRR, Boa Vista, RR.

Georgia Patrícia da Silva Ferko

Email: geoufpe@yahoo.com.br

Coordenadora Pedagógica e Professora do Curso MBA em Gestão de Cooperativas, Chefe e Prof^ª do Dep. de Administração da UFRR, Boa Vista, RR.

Manuscript first received/*Recebido em*: 01/11/2016 Manuscript accepted/*Aprovado em*: 26/12/2016

Avaliação: Double Blind Review

Resumo

Este estudo busca entender a influência da cultura cooperativista e da diversidade cultural nas cooperativas do ramo agropecuário do estado de Roraima. Para atender ao objetivo proposto, a estratégia metodológica escolhida foi a realização de pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva. A coleta de dados consistiu na realização de entrevistas com representantes de 16 cooperativas do ramo agropecuário, os quais emitiram opiniões sobre a influência da cultura cooperativista nas suas respectivas cooperativas. Após catalogação e análise do material coletado, os resultados indicam a existência de forte influência da cultura cooperativista, principalmente no que se refere à gestão e política das cooperativas, fator avaliado positivamente. Alguns dirigentes apontam as diferenças culturais e ausência de cultura cooperativista como entrave para obtenção de alguns resultados. Espera-se que os

resultados possam contribuir para o entendimento sobre alguns problemas ou soluções expostas pelos dirigentes de Cooperativas, quanto aos diferentes graus de conhecimentos sobre a cultura cooperativista das pessoas que compõem essas sociedades coletivas. E que se possa investir em educação cooperativista para a resolver alguns desses problemas.

Palavras-chave: Cultura cooperativista. Cooperativas Agrícolas. Roraima.

Abstract

This study seeks to understand the influence of cooperative culture and cultural diversity in agricultural cooperatives in the state of Roraima. In order to meet the proposed objective, the methodological strategy chosen was to conduct qualitative research of an exploratory and descriptive nature. Data collection consisted of interviews with representatives of 16 cooperatives in the agricultural sector, which gave opinions on the influence of the cooperative culture in their respective cooperatives. After the cataloging and analysis of the collected material, the results indicate the existence of a strong influence of the cooperative culture, mainly in relation to the management and politics of the cooperatives, factor positively evaluated. Some leaders point out the cultural differences and lack of cooperative culture as obstacles to obtaining some results. It is hoped that the results may contribute to the understanding of some problems or solutions presented by the Cooperative leaders regarding the different degrees of knowledge about the cooperative culture of the people that make up these collective societies. And we can invest in cooperative education to solve some of these problems.

Keywords: Cooperative culture. Agricultural Cooperatives. Roraima.

1 Introdução

O modelo cooperativo de atuar da humanidade começou com a própria história da existência humana na terra. Segundo os historiadores, o homem da caverna, quando se juntava a outros homens nas caçadas coletivas e dividiam as caças capturadas, já praticava ações de cooperação. Ou seja. Mesmo não sabendo nada sobre sociedades cooperativas, ou cooperativismo, os homens da caverna já praticavam ações coletivas. No período que separaram o homem da caverna e a criação da primeira sociedade cooperativa reconhecida no

mundo, houve muitas iniciativas com comportamentos cooperativistas, em especial, nas igrejas espelhadas pelo velho continente (PBC, 2015).

Em função destes comportamentos cooperativistas têm se visto, ao redor do mundo, criação de organizações denominadas de cooperativas, as quais podem ser entendidas como associações de pessoas, constituídas para a prestação de serviços sem fins lucrativos para os associados, visando à solução de problemas econômicos e ao benefício de todos eles. É um sistema econômico e social, que busca a organização e a distribuição de rendas, reduzindo os preços dos produtos de consumo, viabilizando empréstimos ou possibilitando trabalho lucrativo (Brasil, 1971).

Cooperativa também pode ser definida como junção de trabalhadores ou profissionais de diversas áreas, que se associam de livre e espontânea vontade, desde que o interesse de cada um na prestação de serviço ou comercialização de produtos não gere conflito com os objetivos gerais da associação (Crúzio, 2005).

Segundo Cavalcante (2004), ao pesquisar as cooperativas de Roraima, constata-se que o cooperativismo não é algo novo, já que a primeira cooperativa de agropecuária surgiu em quinze de maio 1979, no município de Caracará. Atualmente, existem 63 cooperativas, e 22 do ramo agropecuário (SESCOOP, 2016). Isto mostra que há um avanço neste segmento. Por outro lado Cavalcante (2004) relata que o cooperativismo agropecuário no estado de Roraima caracteriza-se pela falta de cultura empreendedora.

Para Arantes (2009, p.05), a falta de cultura ao cooperativismo traz consequências negativas como: falta de seriedade com o cooperado e com a empresa, perda de créditos nas instituições financeiras, o que leva a cooperativa à entropia”. Para este autor as cooperativas, ainda são vistas como forma de se conseguir vantagens políticas, ou de obter créditos em financeiras de forma rápida e fácil.

Este estudo busca entender a influência da cultura cooperativista e da diversidade cultural nas cooperativas do ramo agropecuário do estado de Roraima. Neste sentido, este trabalho propõe analisar e mostrar como a cultura cooperativista influência dentro das organizações. A pesquisa foi realizada em forma de entrevista, sendo exploratório-descritiva, buscando condições de compreender e descrever as opiniões sobre os pontos positivos e negativos da influência cultural do cooperativismo, para as cooperativas, sendo um importante parâmetro para auxiliar no desenvolvimento de políticas cooperativistas.

1.2 O cooperativismo no Brasil

O cooperativismo tem suas origens, formais, nas transformações ocorridas na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, a chamada Revolução Industrial, época em que a mão de obra perdeu grande poder de troca, quando os operários passaram a ter baixos salários e longa jornada de trabalho, trazendo assim muitas dificuldades socioeconômicas para a sociedade (Coutrim, 2010).

Buscando formas de superar as dificuldades que assolavam a população, em virtude do capitalismo que avançava a cada dia, surgiu assim a ideia de criar uma organização cooperativa, instituindo-se regras, normas e princípios, no intuito de respeitar os valores do ser humano (Coutrim, 2010).

Segundo Singer (2002) a primeira cooperativa de consumo foi fundada no norte da Inglaterra, no bairro de Rochdale, em 21 de dezembro de 1844. Com base nos princípios e valores do ser humano, 28 operários, sendo sua maioria tecelões, se reuniram para avaliar suas ideias e assim, respeitando seus costumes e tradições, estabeleceram normas e metas para organização de uma cooperativa, nascendo daí a sociedade dos Probos de Rochdale, conhecida como a primeira cooperativa moderna do mundo, a qual criou os princípios morais de conduta que são considerados, até hoje, a base do cooperativismo.

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileira OCB (2004a), o cooperativismo é um movimento, um modelo socioeconômico capaz de unir o desenvolvimento econômico com o bem-estar social, associado a valores universais, que se desenvolvem independentemente de nacionalidade.

O cooperativismo é um movimento internacional, que busca constituir uma sociedade justa, livre e fraterna, em bases democráticas, através de empreendimentos que atendam às necessidades reais dos cooperantes, e remunerem adequadamente a cada um deles (SESCOOP/GO, 2004, p. 9).

O cooperativismo brasileiro é marcado pelo conteúdo doutrinário rochdaliano, surgido a partir da década de 1970, cuja preocupação era a adoção de modelos cooperativos empresarialmente dinâmicos, combinando a promoção da economia solidária com a racionalidade empresarial Conforme Valadares (1998, p.26) as primeiras cooperativas brasileiras só surgiram com o advento da República:

A Constituição Republicana de 1891, que assegurou a liberdade de associação, a chegada de imigrantes europeus, o surgimento de trabalhadores livres e o crescimento das cidades, garante as mínimas condições para o aparecimento das primeiras cooperativas no setor de consumo dos centros urbanos, no final do século XIX. Desse período, podem ser mencionadas: a iniciativa da cooperativa de consumo de funcionários públicos de Ouro Preto, MG (1889), a Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica, em Limeira, SP (1891); a Cooperativa Militar de Consumo do Rio de Janeiro (1894); a Cooperativa de Consumo de Camaragibe, PE (1895), exemplos das primeiras cooperativas brasileiras.

As Caixas Rurais Raiffeisen foram as primeiras cooperativas surgidas no meio rural, no Rio Grande do Sul, a partir de 1902. Eram cooperativas de produtores de café, que em 1907 se iniciavam como laticinistas (Valares, 1998). Desde esse período até início dos anos 30, já havia no cooperativismo agrícola a necessidade de comercialização nos centros urbanos, uma vez que os produtores constituíram um mecanismo pelo qual poderiam enfrentar diretamente a ação dos intermediários, com uma ação cooperativa ligada diretamente à agricultura formada por pequenos produtores, tendo como objetivo a defesa da remuneração do trabalho familiar diante do comércio e indústrias (Valares, 1998).

Além do cooperativismo agrícola desenvolvido nas regiões estrangeiras até a década de 1930, surgiram cooperativas de consumo nos principais centros urbanos. Com a promulgação do Decreto 22.239, em 1932, que normatizou a constituição e o funcionamento das cooperativas, o Estado procurou incentivar o desenvolvimento do cooperativismo no Brasil, isentando as cooperativas de uma série de impostos, tutelando-as e estimulando-as, de forma que as organizações dos produtores se adequassem aos interesses representados pelo novo desenvolvimento nacional. Teve origem nesse período e se estendeu até o final de 1980 a característica do cooperativismo brasileiro: a tutela do Estado (Valares, 1998). Logo as cooperativas passaram a ser vistas como um mecanismo de organização da produção em moldes associativos, que tanto poderiam atender aos interesses do Estado quanto aos dos produtores (Duarte, 1986).

O potencial econômico e ideológico do movimento cooperativista foi o que levou o Estado a intervir na economia agrária e urbana. Conforme aponta Fleury (1983), no que concerne ao nível econômico, o cooperativismo se apresentou como um elemento fundamental no processo de modernização agrícola. E, em termos ideológicos, pelo seu doutrinário rochdaleano, revestia-se de maneira reformista, o que seria necessário para

justificar suas intervenções na economia, pois essas eram feitas em classes menos favorecidas. Dessa maneira, as forças produtivas seriam desenvolvidas, e os conflitos sociais mantidos nos limites, o que politicamente seria viável para os interesses do Estado populista (Duarte, 1986).

1.3 Cooperativa agropecuária no Brasil e em Roraima

Na década de 1930, a política do Estado Brasileiro era incentivar ao máximo a criação de cooperativas agrícolas, e na década seguinte, grande parte dessas cooperativas já se encontrava

inativa, em razão da não correspondência das cooperativas às necessidades reais dos produtores. Somente as que lidavam com produtos hortigranjeiros, leite e avicultura, foram bem sucedidas, pois se orientavam pelas necessidades de abastecimento das cidades da Região Sul e Sudeste, em virtude da urbanização e industrialização (Fleury, 1983).

Com as alterações efetivadas na economia nacional na década de 1950, o setor rural e o cooperativismo agrícola passariam por grandes alterações. Da mesma forma, o cooperativismo urbano, formado pelas cooperativas de consumo e de crédito, foi influenciado pelo desenvolvimento econômico e social que o país atravessava (Fleury, 1983).

O novo modelo de desenvolvimento nacional se caracterizava pela: a) inserção do país no padrão de acumulação capitalista internacional; b) execução de políticas de desenvolvimento industrial de bens duráveis; c) aceleração do desenvolvimento do complexo agroindustrial, de capital nacional e internacional. Nessa perspectiva desenvolvimentista, fazia-se necessária a modernização tecnológica do setor rural visando ao desenvolvimento de uma agricultura de exportação para gerar divisas, e de abastecimento do mercado interno, fundamentalmente uma agricultura consumidora de produtos industrializados (Valadares, 1998, p.28).

Segundo Valadares (1998), a transformação do cooperativismo agrícola deu-se em razão da integração da produção agrícola ao capitalismo industrial urbano, em especial a agroindústria, e à atuação do Estado Brasileiro. Nesse contexto, o advento da Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, apresenta a adequada flexibilidade à renovação e modernização estrutural das cooperativas, possibilitando sua atuação como empresas modernas e dinâmicas.

Segundo a OCB (2016), o ramo do cooperativismo agropecuário reúne produtores rurais, agropastoris e de pesca, ramo que foi, durante muitas décadas, sinônimo de cooperativismo no país, pois a sua importância e força refletia na economia. As cooperativas caracterizavam-se pelos serviços prestados aos associados, como recebimento ou comercialização da produção, além da assistência técnica, educacional e até social.

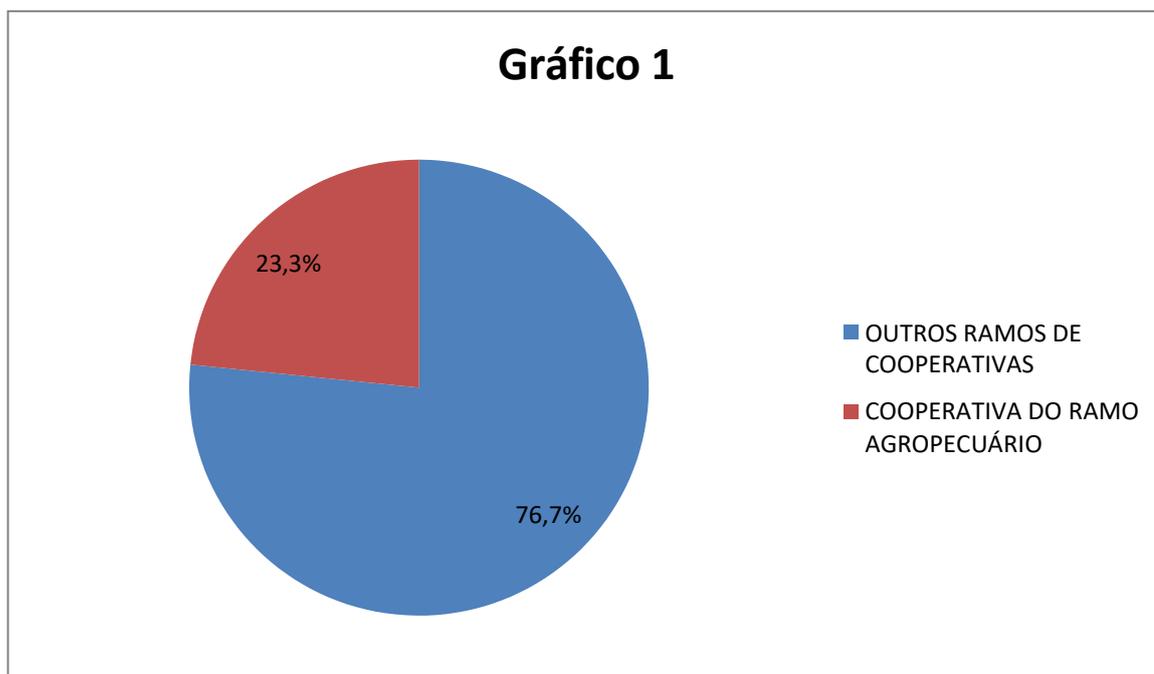
- Evolução do numero de Cooperativas Agropecuárias no Brasil

	COOPERATIVAS	ASSOCIADOS	EMPREGADOS
2005	1.514	879.918	123.368
2006	1.549	886.076	123.890
2007	1.544	879.649	139.608
2008	1.611	968.767	134.579
2009	1.615	942.147	138.829
2010	1.548	943.054	146.011
2011	1.523	969.541	155.896
2014	1.543	993.564	180.891

(fonte: OCB, 2015)

A cooperativa agropecuária ainda é o ramo de maior importância econômica no cooperativismo, com grande participação na economia e na composição do PIB agropecuário, com 1.543 cooperativas, sendo 993.564 cooperados com 180.891 empregos diretos (OCB, 2016).

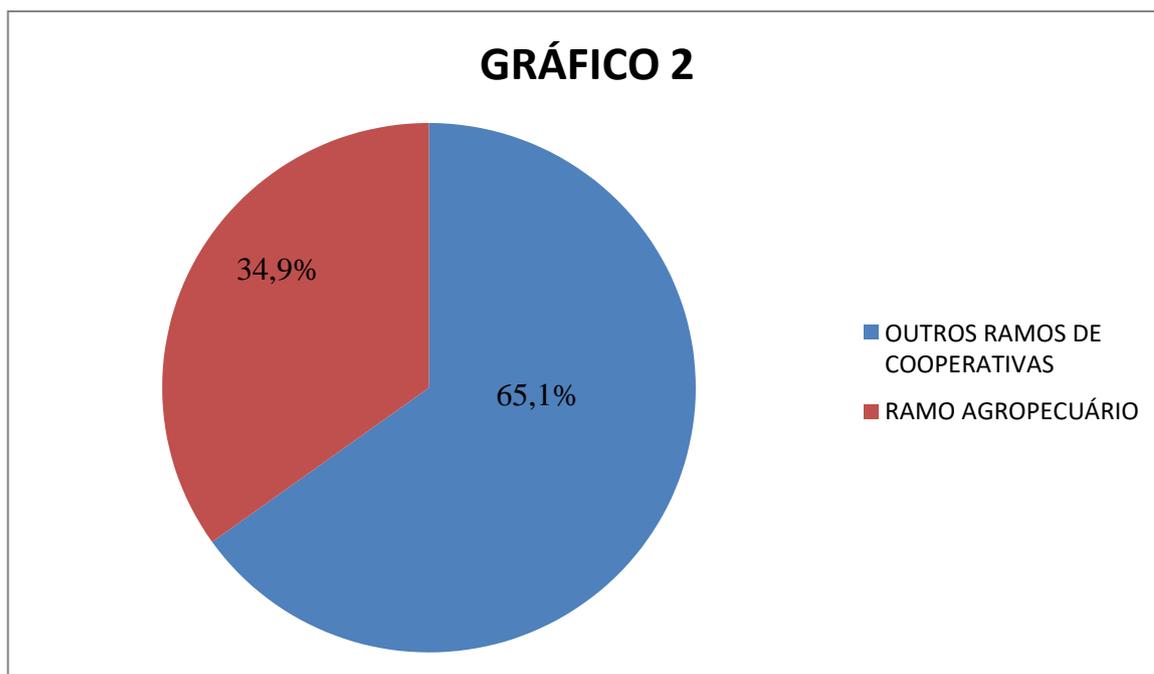
Cooperativas Agropecuárias no Brasil



(fonte: OCB, 2015)

De acordo com o gráfico 1, as Cooperativas do Ramo Agropecuário representam mais de vinte e três por cento das cooperativas registradas no Brasil e filiadas ao Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras. Esses dados são do ano de 2014 e demonstra que o Ramo Agropecuário é um ramo em crescimento no Brasil. Ainda com relação as cooperativas do ramo agropecuário no Brasil, vale salientar que em 2014 o setor empregava mais de cento e oitenta mil pessoas e congregava quase um milhão de associados. Essas cooperativas são responsáveis por grande parte da produção de produtos agropecuários e desempenham papel relevante nas exportações de produtos do agronegócio brasileiro. De acordo com a tabela acima, o cooperativismo do ramo agropecuário tem crescido, constantemente e sua evolução se dá, tanto na quantidade de cooperativas criadas, quanto no aumento do número de sócio/cooperantes e, conseqüentemente, na quantidade de empregos gerados por essas sociedades cooperativas.

Cooperativas Agropecuárias em Roraima



(fonte: OCB, 2015)

(fonte: OCB, 2015)

As sociedades cooperativas do ramo agropecuário no estado de Roraima significam mais de trinta e quatro por cento do total de cooperativas registradas e filiadas à Organização das Cooperativas Brasileiras em Roraima. Isto dar um percentual maior do que a participação das cooperativas do ramo agropecuário a nível de Brasil. Provavelmente, essa participação elevada tem muito a ver com a vocação da economia roraimense. Até, porque, em Roraima, alguns ramos do cooperativismo não tem força como em algumas outras localidades do Brasil. Segundo levantamento de 2015 realizado pela OCB/RR, estão registradas e filiadas ao sistema, sessenta e três cooperativas. Dessas, vinte e duas são cooperativas do ramo agropecuário e o restante é composto pelos outros ramos do cooperativismo.

2 CULTURA COOPERATIVISTA E DIVERSIDADE CULTURAL

Para Chiavenato (2008), o termo cultura é o conjunto de costumes e realizações de uma época ou de um povo. Dessa forma, o autor infere que todas as pessoas são dotadas de

Revista de Administração de Roraima-UFRR, Boa Vista, Vol. 6 n. 3, p.605-623, especial. 2016.

cultura e reforça ainda a existência do relativismo no qual elas têm sua cultura e seus valores próprios.

De acordo com o mesmo autor, as empresas eram antes conhecidas por seus padrões de edifícios e hoje são conhecidas por sua cultura corporativa, e completa ainda com alguns elementos de cultura organizacional, sendo eles o cotidiano, como as pessoas se relacionam; as normas, ou

seja, as regras e comportamentos dentro da empresa; e os valores dominantes, como a ética, que se destaca em algumas empresas, além da filosofia administrativa, que orienta as políticas da organização; regra dos jogos, que seriam informações sobre o funcionamento da empresa, que sempre são repassadas para os que estão sendo admitidos na organização e, por fim, o clima organizacional, que se depara com os colaboradores e a empresa.

Para Luz (2003) a cultura é intangível, porém ela pode se materializar dentro da empresa, quando relacionada a fatores como o código de ética. De acordo com Rosa (S/D), há uma relação de interdependência entre o essencialismo e posições que se baseiam na diferença, que imprime um caráter mais aberto, à formação das identidades culturais.

Definir a diversidade cultural através de determinismo biológico como sendo raça e grupos humanos, relacionando a inteligência, habilidade, como exemplo um branco como modelo de comportamento. Se as demais raças não estar no mesmo patamar de desenvolvimento é porque elas não possui as habilidades que o modelo tomado de diversidade, justificavam-se, assim, uma inferioridade e superioridade (Geertz, 1989).

Já no determinismo geográfico, entende-se a diversidade dos povos pela suas localizações em relação ao ambiente geográfico e clima. Essas explicações não foram aceitas pelos antropólogos, diante da diversidade cultural foi através de pesquisa de como pode observa-se que grupos humanos vivendo em locais, regiões com as mesmas características tinham comportamento, diferentes. Para os antropólogos, ambas explicações poderia influenciar o comportamento humano, mais não poderiam, condicionantes explicativos da diversidade (Silva, 2005). Para o mesmo autor:

A cultura é um processo coletivo de aprendizagem que fornece orientações referenciais que permite aos indivíduos dar um sentido a suas ações e ao mundo que o cerca, através da decodificação de palavras, expressões, gestos, silêncios, etc. Ela ordena, classifica e liga os indivíduos ao conjunto social, influenciando a maneira como cada indivíduo defende seus interesses, suas convicções e os objetivos coletivos. A espécie

humana não sobrevive simplesmente; ela tem a capacidade de romper limitações, inovar, diversificar, enfim, criar cultura.

A cultura deve ser uma resposta política, social, educativa, econômica. Para Bernard o conceito de diversidade cultural possui dois pontos inseparáveis, a primeira se dar ao contexto da diversidade dentro de uma sociedade em que os indivíduos possuem características culturais heterogêneas em que constroem uma identidade nacional, e sua principal preocupação é manter seus direitos, democracia cultural e a busca da igualdade das minorias. O segundo ponto está no contexto mundial das trocas dos bens e serviços culturais. Ambas precisam ser garantidas, pois sem a manutenção da identidade cultural de um povo, suas expressões culturais não conseguirão

ser produzidas, o que fragilizava o diverso mundo das trocas, das experiências, dos indivíduos (Bernard, 2005).

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve o intuito de buscar conhecer a percepção de dirigentes de cooperativas agropecuárias acerca da interferência da cultura cooperativista no processo de gestão nas cooperativas do ramo agropecuário do estado de Roraima, atualmente, existe em torno de 22 cooperativas do ramo agropecuárias, em Roraima, segundo dados do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP/RR (2015). No entanto, para a realização deste trabalho, foram entrevistados representantes de 16 cooperativas.

A entrevista buscou obter respostas quanto aos aspectos culturais cooperativistas dos sócios e dirigentes das cooperativas e o quanto esses aspectos interferem na tomada de decisão na administração das cooperativas e dificultam a construção de resultados, coletivos. Foram abordados temas como: gestão participativa, tomada de decisões e solução de conflitos internos e externos e se de fato há ou não influência da cultura cooperativista nas suas respectivas cooperativas.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e por telefone. Em algumas cooperativas, as entrevistas foram realizadas por telefone por causa das dificuldades de encontrar os representantes dessas organizações durante as visitas *in loco*.

Para o objetivo de estudo, a pesquisa deu-se de forma qualitativa, procedendo à observação de fatos e fenômenos, a partir da coleta, análise e interpretação desses dados.

A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2015 a fevereiro de 2016, em cooperativa agropecuária localizadas nas regiões Sul, Norte e Central do estado de Roraima.

Para melhor entendimento sobre a influência da cultura cooperativista nas cooperativas, foi feito um grande esforço para encontrar o maior número, possível, de cooperativas e entrevistar os seus dirigentes, com a finalidade de colher informações quanto à percepção da do nível de cultura cooperativista nas suas respectivas cooperativas.

Entre as dificuldades encontradas destacam-se cooperativas que não funcionavam nos seus endereços de cadastro e a Cooperativa Mista Agroextrativista do Xixuau (COOPXIXUAU), que se encontra na comunidade ribeirinha de Xixuau, às margens do Rio Jauaperi a pelo menos quatro dias de viagem de barco. Nesse caso, a entrevista pessoal se tornou inviável e por contato telefônico não se obteve resultado. Nas 16 cooperativas encontradas, foi feito levantamento

junto aos seus dirigentes, com o objetivo de conhecer a influência da cultura cooperativista nas cooperantes e de que forma esses aspectos culturais são vistas e sentidas pelos entrevistados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados, aqui relatados seguem em conformidade com a metodologia de entrevistas para a coleta de informações, cujo objetivo foi conhecer o ponto de vista dos dirigentes diante da cultura cooperativista, ou seja, a forma como esses dirigentes percebiam, internamente, e como eles avaliavam essa influência da cultura cooperativista nas suas respectivas cooperativas.

Para cada grupo de pessoas que compõem uma sociedade cooperativista, existem pessoas de várias unidades da Federação, segundo dados do IBGE a estimativa da população roraimense em 2015 é de 505.665 pessoas sendo que 333.947 das pessoas residentes em Roraima, são nascidos na região norte e os demais, de outras regiões do Brasil (IBGE, 2010). Pessoas que trazem para Roraima costumes, culturas e, principalmente, conhecimento diferente sobre ações coletivas e cultura cooperativista.

Essas diferenças, a princípio, parecem não causar problemas no desenvolvimento de sociedades cooperativas. Contudo, quando o processo coletivo avança, essa falta de cultura cooperativista vai ficando cada vez mais visível, o que pode estar causando muitas dificuldades para continuidade e crescimento do grupo como entidade coletiva. Segundo os dirigentes entrevistados, a maior parte dessas pessoas veio do Nordeste do Brasil e chegaram ao estado de Roraima sem conhecimentos na área rural e, menos ainda, sobre cultura cooperativista. O que para muitos, tem dificultado o alcance de resultados pelas sociedades cooperativas do ramo agropecuário em Roraima. Os resultados da pesquisa estão dispostos na sequência, para melhor entendimento.

Do total de 16 (dezesesseis) cooperativas, em 50% (cinquenta por cento) seus dirigentes informaram que percebem influência positiva quanto a influência da cultura cooperativista nas cooperativas do ramo agropecuário de Roraima. Mas há falta de cultura cooperativista. Para esses dirigentes, o fato de haver pessoas de várias unidades da Federação ajudando a compor os grupos que formam as cooperativas causa uma espécie de descompasso de conhecimentos, de ritmo de atuação e de compromisso com o projeto cooperativo. Isto, segundo os dirigentes entrevistados, não aparece no início das discussões sobre a criação da cooperativa.

Essas diferenças, segundo os dirigentes, aparecem, normalmente, depois que a cooperativa já existe formalmente, e o grupo passa a discutir projetos coletivos e/ou renovação de diretoria e conselho fiscal.

Segundo os entrevistados, no momento em que as pessoas apresentam maior interesse pela cooperativa, as diversidades culturais cooperativistas aparecem de forma mais visível e, em muitas delas, causam problemas e prejuízos para a coletividade, chegando, em muitos casos, ao fechamento da cooperativa e ao encerramento das suas atividades. Para esses dirigentes, é como se no início das discussões as pessoas não sentissem necessidade de se manifestar de forma contrária em determinados assuntos. Mas quando passam a discutir sobre projetos de poder, sentem-se no direito de reivindicar maior atenção e por isso exigem mais direitos individuais, muitas vezes, em detrimento do coletivo.

Alguns dirigentes apontam a falta de conhecimento do cooperativismo de fato, o individualismo e as diferenças culturais cooperativistas como determinantes para a falta de

resultados nas cooperativas. Mas, isso não é a causa de todos os problemas enfrentados pelas cooperativas.

Em quatro cooperativas entrevistadas, os dirigentes relataram não ter problemas de diversidades culturais, pelo fato de haver no seu quadro de sócios/cooperantes pessoas de diferentes regiões. Eles veem na diversidade cultural cooperativista uma ótima oportunidade de crescerem juntos e compartilhar conhecimento. Isto se dá, segundo os entrevistados, em virtude de serem aplicadas nas cooperativas em Roraima algumas técnicas de trabalhos coletivos que são usadas em outras regiões do Brasil. Segundo os dirigentes, isso é um fator positivo para a organização, que aceita melhor esse contato de diferenças culturais, por ser uma empresa onde cada sócio é dono, e juntos trazem benefícios para a cooperativa.

Para esses dirigentes, as cooperativas precisam de regras bem definidas e de um grupo gestor maduro e experiente para saber aproveitar, de forma positiva, essas diferenças culturais em favor da coletividade. Ainda segundo seus depoimentos, caso a cooperativa não conte com um grupo de pessoas experientes na diretoria e no conselho fiscal, as diferenças culturais poderão atropelar os projetos coletivos e não representar positividade para a cooperativa.

Verificou-se que em duas cooperativas a diversidade cultural cooperativista é vista como ponto negativo em algum momento e como ponto positivo em outros. Segundo os dirigentes entrevistados, a diversidade cultural cooperativista, ajuda pelo fato de haver várias experiências

trazidas de regiões e costumes diferentes. Essa somatória de experiências, segundo os entrevistados, tem ajudado alguns grupos a avançar em processos cooperativistas.

No entanto, esses mesmos dirigentes citam que em muitos momentos e, principalmente, ao longo do funcionamento da cooperativa, essa diversidade de origem e a diferença de conhecimento e experiência sobre projetos coletivos têm causado problemas e tornado a caminhada coletiva mais difícil e com menor capacidade de conseguir resultados satisfatórios.

Para os dirigentes entrevistados, é como se a falta de cultura cooperativista trazida de diversas regiões do Brasil, viesse à tona só depois que a cooperativa está em um estágio de funcionamento mais avançado. O que se percebe, segundo os entrevistados, é que toda

euforia apresentada e sentida no início, após a troca de experiências e conhecimentos diferentes, torna-se um problema no momento de amadurecimento do grupo e, principalmente, quando a cooperativa gera resultados e chega a hora de repartir para os participantes. Esse é o momento mais delicado no que diz respeito às sociedades cooperativas. É que enquanto não houver resultados para dividir, as diferenças culturais não afloram muito. Mas quando o grupo consegue construir resultados e chega o momento de dividir, as pessoas esquecem as discussões e as regras definidas anteriormente, passando cada um a defender seus próprios interesses, mesmo que isso seja em detrimento dos interesses da cooperativa em questão. Ainda segundo esses dirigentes, fazendo-se uma análise da história do cooperativismo em Roraima, depara-se com várias iniciativas que levaram os grupos a criarem sociedades cooperativas e não conseguiram vida coletiva longa. É mais ou menos assim:

Em duas sociedades cooperativas, onde foram colhidas opiniões e comentários sobre a interferência da cultura cooperativista nos resultados das cooperativas, os dirigentes responderam que essa diversidade não é sentida pelo grupo. Esse sentimento e análise foram colhidos nas duas cooperativas compostas por indígenas. Segundo os entrevistados, o fato de os indígenas possuírem método próprio, resultante de sua cultura, faz com que a falta de cultura cooperativista não atrapalhe os processos coletivos por meio das sociedades cooperativas. Isso pode levar ao entendimento de que a cultura indígena pode contribuir para geração de situações mais favoráveis nos projetos coletivos e facilitar o trabalho de projetos coletivos com maior capacidade de obtenção de sucesso, pois, normalmente, as comunidades indígenas funcionam por meio de um modelo com lideranças e trabalhos em equipes, segundo os dirigentes entrevistados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, tem-se presenciado pessoas criarem suas sociedades cooperativas agrícolas voltadas para melhorar os processos de organização, produção e escoamento no setor rural e, quase sem explicações, essas cooperativas deixam de funcionar como idealizado pelo grupo e muitas delas encerram suas atividades e deixam um rastro de decepções e problemas para serem resolvidos por quem ficou responsável pelas últimas atividades da cooperativa. Muitas vezes, questiona-se o que aconteceu para o projeto não dar certo e, em muitos desses casos, a explicação encontrada, mais adequada, é a diferença

do nível de cultura cooperativista, do grupo de sócios/cooperantes. Pois, sem muita exceção, para cada grupo de 20 pessoas, por exemplo, encontram-se vários estados da federação ali representados. Em princípio, segundo os dirigentes entrevistados, isso não representa ameaça para os projetos coletivos, mas quando se verificam os fracassos de muitas iniciativas coletivas que chegaram a criar suas sociedades cooperativas e não conseguiram se posicionar de forma segura e duradoura no mercado, isso leva a repensar com mais profundidade sobre as possíveis causas desses fracassos.

Na maioria das cooperativas do ramo agropecuário, criadas ao longo dos anos, o número de roraimenses participando do quadro societário é muito pequeno. Conforme mostra este trabalho, isso tem dificultado os projetos coletivos desenvolvidos por grupos organizados pelas cooperativas agropecuárias em Roraima. Os depoimentos colhidos com os dirigentes das cooperativas agropecuárias mostram um pouco da realidade que descrevemos.

Os dirigentes abordaram, ainda, que mesmo naquelas cooperativas em cujas dirigentes não abordaram a cultura cooperativista nas cooperativas do ramo agropecuário de Roraima como ponto negativo, a falta de resultados do grupo está ligada direta e/ou indiretamente a essa miscigenação encontrada na composição do quadro de sócios/cooperantes. Diante das entrevistas realizadas com os representantes das cooperativas agropecuárias, pode-se observar que a influência da cultura cooperativista ou a falta dela, reflete no dia a dia das organizações, se apresentando como um dos motivos de conflitos no comportamento dos cooperantes, refletindo nos resultados das cooperativas do ramo agropecuário do Estado de Roraima.

Vale salientar que a maioria das pessoas contatadas percebe que as diferentes origens dos cooperantes se apresentam como problemas nas suas referidas cooperativas e dificultam na consecução dos resultados coletivos. Segundo esses dirigentes que atuam como gestores das cooperativas em questão, o fato de haver pessoas vindas de várias unidades da federação torna as cooperativas mais fragilizadas e com menor capacidade de crescimento e ter vida longa.

Por outro lado, alguns gestores de cooperativas manifestaram que as diferenças culturais cooperativistas ajudam no processo de funcionamento e busca de resultados coletivos. Também, houve dirigentes que citaram que as diversidades culturais ajudam as

cooperativas em algumas situações e atrapalham em outras. Para esses dirigentes, o fato de haver pessoas de várias unidades da federação, contribui, positivamente, em alguns momentos e se apresenta de forma negativa em outras ocasiões.

Os resultados foram relatados de forma a contribuir para o entendimento sobre os problemas ou soluções vistas e sentidas pelos dirigentes de cooperativas do ramo agropecuário de Roraima, quanto às diferentes origens regionais das pessoas que compõem essas sociedades coletivas.

REFERÊNCIAS

Arantes, E. C. (2013). **Evolução de uma cooperativa agropecuária em assentamento de reforma agrária no estado de Roraima**. Boa Vista, p.5.

Bernard, francês de. Por uma definição do conceito de diversidade cultural. In: BRANT, Leonardo(org.). (2005). **Diversidade Cultural.Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensante, p.73.

Brasil. Lei Nº 5,764 de 16 de dezembro, 1971.

Cavalcante, R. M. (2004). **Caracterização das cooperativas agropecuárias do estado de Roraima**. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Assessoria Gerencial; Executiva. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima.

Colpo, Carolina Delevati. (2009). **A comunicação organizacional de cooperativas de economia solidaria: um processo de olhar da complexidade**. Rio Grande do Sul: PUCRS.

Coutrim, G. (2010). **História global, Brasil e geral**, Volume 2 Ensino Médio, 1ª edição/São Paulo, Editora Saraiva.

Chiavenato, Idalberto. (2008). **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Crúzio, Helnon de Oliveira. (2005). **Como organizar e administrar uma cooperativa: uma alternativa para o desemprego**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Derette, Luana Deise. (2011). **O papel da ética na cultura organizacional: estudo de caso**. Joinville.

Escosteguy, Ana Carolina. (2001). **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

Fleury, M.T.L. (1983). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo:

Revista de Administração de Roraima-UFRR, Boa Vista, Vol. 6 n. 3, p.605-623, especial. 2016.

Análise dos resultados do programa de aquisição de alimentos (paa) na coopercinco
Ediane Rodrigues Leandro, Emerson Clayton Arantes, Jaqueline Silva da Rosa ,Georgia Patrícia da Silva Ferko

Global. Hall. S. (1998). **A identidade cultural no pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro; DP&A.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). <www.ibge.gov.br> .

Identidade cultural: perda ou acréscimo de valores! <Erro! A referência de hiperlink não é válida.> Acesso em: 16. nov.2015.

Luz, Ricardo. (2003). **Gestão do clima organizacional**. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Organização das Cooperativas Brasileira – OCB. (2004). **Cooperativismo brasileiro:** uma história. Ribeirão Preto: Versão BR. Comunicação e marketing. 151p.

OCB - **Organização das Cooperativas Brasileiras**. O Portal do Cooperativismo Brasileiro. Estrutura do Sistema OCB. Disponível em: <www.ocb.org.br>. 23.jan.2016.

ROSA, Guilherme da. **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais**. Mestrando em Comunicação Social da Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre/RS.

Pasquali, A. (1973). **Sociologia e comunicação**. Petrólis: Vozes.

PBC- **Portal Baiano das Cooperativas**. Historia do cooperativismo. Disponível em: <www.bahiaoperativismo.coop.br>.16.nov.2015.

Santos, A.C.L. dos. (1998). **Cooperativismo:** entre os princípios teóricos e o desenvolvimento viável, um estudo de caso. 1998. 90 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Silva, Wania Rezende. Vieira, Francisco Giovanni. Rocha, Eliza Emília Rezende. (2005). **Organizações Cooperativistas e Contexto Cultural Brasileiro**. Ribeirão Preto.

Singer, P. (2002). **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Serviço Nacional de Aprendizagem Do Cooperativismo – SESCOOP/GO. (2004). **Cooperativismo passo a passo**. Goiânia, 38p.

Schneider, J. O. (1999). **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo, UNISINOS, 417p.

Valadares, J. H. (1998). **A Moderna Administração em Cooperativas**. Rio de Janeiro. – MBA em Gestão Empresarial em Cooperativas de Saúde – Realização Fundação Getúlio Vargas – Cursos “in Company”.

Análise dos resultados do programa de aquisição de alimentos (paa) na coopercinco
Ediane Rodrigues Leandro, Emerson Clayton Arantes, Jaqueline Silva da Rosa ,Georgia Patrícia da Silva Ferko

Valadares, J.H. (2009). **Estratégias de educação para a cooperação**. Rio de Janeiro: FGV- MBA em Gestão Empresarial de Cooperativas.

Vilson; Wagner. **A comunicação Social como ferramenta para a consolidação dos princípios do cooperativismo**. UNIJVI- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-RS ,09 p.